

# **CARTAS DA PROVÍNCIA: MEMORIALÍSTICA E CONVENÇÕES INTELECTUAIS NA CORRESPONDÊNCIA DE EDUARDO CAMPOS**

Letters from Province: Memorialistic and Intellectual Conventions in the  
Correspondence of Eduardo Campos

Plauto Daniel Santos Alves<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-2953-8819>

E-mail: plautosalves@gmail.com

<sup>a</sup> Secretaria da Educação do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

## RESUMO

Este artigo discute como o escritor Eduardo Campos concebia sua prática intelectual e, em função dela, elaborou uma memorialística em torno de sua rede epistolar. Para tanto, contrasta os conceitos e retóricas presentes em *Cartas de Afeição*, breve volume que constitui a compilação de sua correspondência passiva, com a linguagem política praticada pelo grupo CLÃ, um círculo de letrados no qual o autor esteve inserido. Percebe-se que as narrativas em torno do movimento, fundamentaram um sentimento de distinção, uma identificação coletiva que perdurou por muito tempo e que se caracteriza por excluir as dinâmicas e os vínculos históricos inerentes à prática artística desses escritores, promovendo a consagração de suas trajetórias através do esquecimento, da abstração e da idealização de seus laços familiares, políticos e sociais.

## PALAVRAS-CHAVE

Clã (revista). Eduardo Campos. Linguagens políticas.

## ABSTRACT

This article discusses how the writer Eduardo Campos conceived his intellectual practice and, based on it, elaborated a memorialistic around his epistolary network. To do so, it contrasts the concepts and rhetoric present in "*Cartas de Afeição*," a brief volume that compiles his passive correspondence, with the political language practiced by CLÃ, a circle of literati in which the author was involved. It is noted that the narratives surrounding the movement grounded a sense of distinction, a collective identification that endured for a long time and is characterized by excluding the dynamics and historical ties inherent in the artistic practice of these writers, promoting the consecration of their trajectories through forgetfulness, abstraction, and idealization of their family, political, and social bonds.

## KEYWORDS

Clã (magazine). Eduardo Campos. Political Languages.



**B**astante prolífico, Manuel Eduardo Pinheiro Campos ou Manuelito, como costumava ser designado na intimidade, exerceu, dentre outros, os ofícios de escritor, dramaturgo e radialista, constituindo uma figura muito atuante na cena cultural cearense da segunda metade do século XX. De fato, esteve ativamente presente nas redes de sociabilidade que marcaram os movimentos artísticos e literários da região e ocupou lugar de prestígio em instituições de destaque, chegando ao cargo de Presidente da Academia Cearense de Letras (ACL), da Associação de Rádio e Televisão e à superintendência de meios de comunicação, como o jornal Unitário e a TV Ceará (Girão; Sousa, 1987).

A despeito dessa carreira vultosa, no prefácio que escreveu para a compilação de sua correspondência, um breve livro intitulado *Cartas de Afeição* (2004), o autor caracteriza seus triunfos de maneira acanhada, evitando, não apenas o uso de descrições autoelogiosas, mas também a exposição de sua trajetória. Em sua opinião, a publicação de suas missivas se justificava apenas na medida em que estas documentam o “exato situamento de uma época” (Campos, 2004 p. 06) na qual uma rede de comunicação epistolar conectava “jovens escritores da província” (Campos, 2004, p. 05) a “escritores mais experimentados e vividos (para não dizer consagrados)” (Campos, 2004, p.05).

Essa rede acaba sendo objeto de um trabalho de rememoração que vai além do processo de fotocopiar, transcrever e organizar correspondências, uma vez que o volume que constitui as *Cartas de Afeição* é composto, também, por uma série de comentários pontuais referentes ao tipo de relação travada entre Eduardo Campos e o remetente de cada missiva. Dessa forma, é possível afirmar que a obra em questão apresenta um tipo de escrita memorialística (Miceli; Myers, 2019) que não se detém sobre a trajetória daquele que a escreveu, centrando-se em recordações que dizem respeito ao contato do autor com figuras que se inseriram na referida malha letrada.

Dito isso, a modéstia com que Eduardo Campos descreve os próprios feitos não deixa de soar curiosa, visto que se trata de um intelectual, ou seja, de um agente social cujo respaldo diante dos pares e do público se encontra atrelado a seu “poder de ressonância” (Sirinelli, 1998, p. 265). Nesse sentido, o fato de não se deter sobre suas conquistas e de assinalar os limites que cercearam sua atuação, remetendo à ideia de que seu desempenho esteve restrito à “província” (Campos, 2004, p. 7), parece ir na contramão da transmissão de capitais simbólicos e do processo de consagração social geralmente propiciado pela publicação de cartas, diários, biografias e textos afins.

Tais elementos geram questionamentos em torno do modo como o autor concebeu sua atividade epistolar e produziu uma prática memorialística baseada em uma visão muito específica da sua atuação intelectual. Nesse sentido, a temática aqui delineada estabelece afinidades com certos estudos oriundos da crítica literária que rejeitam a ideia de uma essência própria à escrita de missivas e reafirmam a validade de pensá-las historicamente, contextualizando seus exemplares e discutindo tanto sua singularidade quanto sua adequação às convenções sociais (Diaz, 2016, p. 54). Nessa perspectiva, as cartas passam a ser encaradas, simultaneamente, como “testemunho do indivíduo que escreve, testemunho do grupo ao qual pertence ou tenta se integrar, bem como representação contínua de uma ordem social” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 25).

Não obstante, em função das peculiaridades da documentação, o foco deste artigo não recai sobre as correspondências em si, direcionando-se, antes, à discussão do gesto de publicá-las, isto é, aos procedimentos intelectuais que, através da compilação, organização e adição de comentários, elaboraram uma narrativa em torno da vida do autor e da rede epistolar a qual ele ensejava remeter. Conforme Gomes (2004), há alguns anos tais processos se firmaram como objeto para o trabalho de historiadores cujas análises,

impulsionadas por problemáticas relacionadas às modalidades de produção do eu, voltaram-se não somente para o material epistolar, mas também para outros tipos de documentos correlatos – diários, autobiografias, memórias etc. –, de maneira a abordar tanto as práticas associadas ao ato de escrever como as atividades de triagem e salvaguarda vinculadas à posse de objetos íntimos.

Motivado pela literatura citada, este artigo analisa as práticas de ordenação, seleção e composição de comentários realizados em torno da correspondência de Eduardo Campos. Acredita-se que essa abordagem facilita o entendimento das peculiaridades inerentes à atividade memorialística praticada pelo autor, pois, a partir dela, torna-se possível identificar não apenas as escolhas narrativas presentes na operação de contar episódios da própria vida, mas também as retóricas e os conceitos compartilhados que assentam sobre convenções e foros de legitimidade próprios a partir dos quais os agentes sociais inscrevem seus escritos (Miceli; Myers, 2019).

Tal percepção incita a comparar os argumentos presentes nas Cartas de Afeição com as retóricas empregadas na malha de sociabilidades em que seu autor se encontrava inserido, mais especificamente, com as formas de falar enunciadas pelo grupo CLÃ, um círculo de letrados – do qual o próprio Eduardo Campos fez parte – atuante na cidade de Fortaleza/CE cujos projetos literários lograram articular uma rede intelectual ativa entre os anos 40 e 80 do século XX. Assim, ainda que a memorialística em análise apresente uma visão subjetiva trabalho intelectual, acredita-se que ela retoma retóricas que mantiveram usos e sentidos relativamente estáveis apesar dos anos, configurando a linguagem política (Pocock, 2003) associada ao coletivo, isto é, o vocabulário, os argumentos e as convenções arraigadas à comunicação de seus integrantes.

Desse modo, a fim de melhor entender como Eduardo Campos concebia sua prática intelectual e, a partir daí, elaborou uma memorialística em torno de sua rede epistolar, o presente trabalho contrasta os conceitos e retóricas recorrentes em Cartas de Afeição com os significados e funções relativos ao vocabulário empregado pela agremiação mencionada.

## CARTAS DE OFÍCIOS E MISSIVAS DE AFETOS

A ampla variedade de ocupações que Eduardo Campos exerceu não deixa de constituir uma das temáticas tácitas das suas Cartas de Afeição. Para citar alguns exemplos, o destinatário da correspondência é tratado pelos remetentes como contista promissor, profissional da radiodifusão, especialista em medicina popular e eficiente estudioso das tradições nacionais. Além disso, quase sempre emerge trajando as vestes de notório incentivador das artes plásticas, da literatura, da música e da dramaturgia. Em face de tantos ofícios, não é de se admirar que sua atividade de missivista se apresente perpassada por relações de cunho profissional, estabelecidas em meio a uma gama diversa de intelectuais.

Nesse sentido, o crítico de arte Walter Wey, além de incluir textos de Eduardo Campos em duas antologias, ainda mediou a encomenda de três edições do mesmo livro (Campos, 2004, p. 162-164). Herman Lima, por seu turno, contatou revistas que pagaram para publicar os contos do autor. Além disso, também atuou algumas vezes como uma espécie de “procurador” financeiro para o escritor, remetendo-lhe honorários advindos de seu trabalho (Campos, 2004, p. 78). Assim, paralelamente às suas atividades profissionais, Eduardo Campos estabelecia laços de solidariedade que o integraram a diferentes regiões do país e que sinalizam o grau de afetividade que tinha com os destinatários. Algumas

dessas relações podiam ser bastante íntimas, como demonstra a mensagem enviada pelo pintor Antônio Bandeira:

Meu caro Meninão:

V. mais que ninguém me poderia salvar a vida nesse instante. É que preciso de material de minha vida antiga daí, posso montar um painel descritivo de minha vida (?!). Fui convidado para inaugurar o Museu de Arte Moderna da Bahia, com uma exposição de minhas obras. [...]

Manuelito, por isso estou contando com você e peço perdão pelo abacaxi que estou entregando. Já escrevi para casa, mas você conhece minha gente como é tão simples. [...] Você como dono da praça muito poderia me ajudar. Precisamos principalmente de fotos para a montagem. Também os “Verdes Mares”, revista do Colégio Cearense seriam de uma grande utilidade. Também o nosso quadro (foto) do curso de humanidades do Colares. [...] Também fotos de nosso tempo de CLÃ da praça José de Alencar, etc.

Manuelito, peço também que fale com o Reitor Magnífico Antônio Martins Filho. Talvez ele possa me ajudar a respeito de fotografias [...]. Empenho minha palavra, e garanto que não perderemos nada. Tudo será depois devolvido direitinho. [...] (Campos 2004, p. 23).

Cabe destacar o tratamento reservado a um indivíduo que se sente à vontade entre os pares, descontraído em seu papel de “dono da praça”. Nessa passagem, Eduardo Campos emerge como um “meninão” cuja propensão a arquivar e preservar determinados materiais, uma marca da sua condição de intelectual, o faz capaz de interceder, mesmo à distância, pelo amigo de juventude. O autor apresenta-se em uma relação que não se limita aos interesses propriamente culturais ou artísticos, dado que o relacionamento com o pintor Antônio Bandeira também diz respeito a vínculos familiares e pessoais forjados através de uma trajetória escolar comum que esteve marcada pela influência de um mestre de prestígio, o “Colares”, e pela convivência com a mesma “turma”:

Posso contar com você? Me responda Logo (sic)!

Desculpe essa carta entre antiga e atualíssima, se não disse nada de mim, nada perguntei dos nossos comuns. Ando num corre-corre e essa exposição é urgente. Entre 1º e 4º de janeiro a inauguração. [...] porque não dar um jeito de comparecer ao “verrissage” (sic)? Seria ótimo e eu ficaria alegíssimo. Você, o Girão, o Fran, o Antônio Martins, enfim, nossa turma daí. Eu teria um painel descritivo de meus amigos em carne e osso, e vs. adorariam a Bahia e veriam minhas últimas cartas. Creio que virão gente do Rio e S. Paulo, intelectuais e “gente boa”, tudo. Dê um jeito e venha, rapaz? Manuelito, vê se faz isso por mim e lhe agradeço do coração.

Com um grande abraço e aproveito a oportunidade para cumprimentar a sua família, que ainda não tive a honra em conhecê-la.

Até e aguardando notícias suas (Campos, 2004, p. 23).

Matizando o destinatário como indivíduo despojado cujas maneiras não se encontram formalizadas por protocolos ou distinções de grau, o emissário se enuncia como se estivesse fisicamente próximo. Numa relação que beira o vicinal, o adjacente, chega a mandar um abraço que se estende não apenas ao corpo do radialista, mas ao de seus familiares com os quais o pintor, sequer, manteve quaisquer contatos anteriores. Desse modo, com qualquer distância entre os dois tornada em nada, o Manuelito pintado nas cores de Bandeira entre menino e intelectual, passa a ser cobrado, pressionado a agir com rapidez. No oposto da descontração, o ritmo apressado da escrita do artista plástico marca

uma relação tensa com o tempo, por isso mesmo, talvez, passe a tentar regulá-lo através da menção a datas, ou por meio da colaboração alheia.

Não obstante, ainda que as correspondências selecionadas por Eduardo Campos se apresentem constantemente marcadas por questões de fórum íntimo e pela linguagem coloquial, a atmosfera composta por esses elementos às vezes pode vir a ser interrompida por determinadas epístolas. Essas cartas exibem tons formais, empregados a partir de distâncias que buscam estabelecer sociabilidades “objetivas”, como é o caso do bilhete enviado pelo antropólogo Alfred Métraux:

**United Nations Education, Scientific and Cultural Organization**  
**Organisation des Nations Unies Pour L'éducation, la Science et la**  
**Culture**  
**Paris, 4 de setembro de 1951**

Prezado Senhor,

Recebi e li com prazer o livro que teve a gentileza de enviar-me, pelo que muito agradeço. Além da curiosidade que desperta por si mesmo, constitue (sic) ele um repositório importante de dados sobre a medicina popular no Brasil. Revela-se assim de grande utilidade como obra de consulta para estudos comparativos nesse terreno. Constitue outrossim, elemento de interesse imediato para mim, pois estou preparando um trabalho sobre a medicina popular entre os negros haitianos.

É de desejar-se que outros pesquisadores lhe sigam o exemplo em outros pontos do Brasil, coligindo, dessa forma, um material valioso, que possivelmente se está perdendo sem que ninguém o registre.

Queira aceitar minhas cordiais saudações (Campos 2004, p. 11).

Por meio de um documento em que se nota o zelo protocolar desde a atenção dispensada ao cabeçalho – caprichosamente destacado do restante do texto através do negrito e do itálico –, uma dinâmica relacional distinta daquela estabelecida nas epístolas de Bandeira se desenvolve. Essa breve carta digitada à máquina cujo topo ostenta, em letras maiúsculas, a formalidade do emblema da UNESCO, assinala um percurso diverso daquele que, até aqui, estava se insinuando na construção da imagem de si de Eduardo Campos. Afinal, anteriormente a verossimilhança das opiniões redigidas pelos emissores se fundamentava na “sinceridade” evocada pela afinidade existente entre aqueles e o destinatário. De modo divergente, os juízos presentes na carta de Métraux conferem legitimidade ao trabalho “etnológico” do autor a partir de um distanciamento afetivo que, *a priori*, isentaria o parecer do remetente de dúvidas.

Dessa maneira, é possível argumentar que Eduardo Campos delimita percepções do eu e se alinha a diferentes identidades através da confiança depositada no testemunho de outrem. Constituindo sua narrativa por meio da pena alheia, Manuelito se apresenta como um sujeito ocupado em meio aos diferentes ofícios intelectuais desempenhados na sua trajetória. Essa figura de polímata multifacetado se entrelaça por meio de um denominador comum: sua “vocação” intelectual. Em face de tantos contatos e comportamentos díspares, o indivíduo que se deixa entrever nas Cartas de Afeição aparenta (ou enseja aparentar), antes de tudo, um genuíno interesse no fomento da criatividade, da arte e da cultura.

## NOTÍCIAS DA TERRA DOS INTELECTUAIS DE PROVÍNCIA





A despeito de seus esforços, os trunfos de Eduardo Campos não lograram garantir ampla proeminência ao seu trabalho cuja abrangência, embora nem sempre restrita às esferas locais, não se mostrou suficiente para alçá-lo a uma posição de destaque nacional. Em vista disso, o próprio autor delimitava sua trajetória por meio do recurso à noção de “intelectual de província”, expressão que aludia a uma suposta hierarquia literária cujas clivagens, tanto dividiam os letrados entre metropolitanos e provincianos quanto condenavam os trabalhos destes últimos a sofrer de baixa notoriedade.

O termo remonta ao I Congresso Cearense de Escritores (1946), evento levado a cabo por pouco mais que uma dezena de indivíduos – dentre os quais alguns componentes do que viria a ser conhecido como grupo CLÃ – cujo propósito de debater o intelectual em face da literatura, do meio e do mundo (Afirmação, 1947) logrou reunir cerca de oitenta letrados oriundos dos mais diversos campos de atuação profissional disponíveis na região. A despeito da amplitude de suas pautas, os organizadores da solenidade tentavam direcionar os debates, assinalando que, ao abordar as temáticas, os congressistas deveriam ater-se à sua condição de escritores da província.

Dessa maneira, os idealizadores do conclave calibravam o foco das discussões para uma escala abrangente, a partir da qual era possível dissimular privilégios, encobrir as rivalidades locais e fomentar a imaginação (Anderson, 2008) de uma comunidade letrada, visto que, a despeito das posições distintas ocupadas por alguns, todos os participantes da cerimônia se encontravam sujeitos ao quadro de adversidades descrito.

Nesse ponto, parece interessante remeter também ao periódico CLÃ, uma revista literária publicada durante longo intervalo (1946-1988) de forma tão associada ao grupo em pauta que seus trinta (30) números, dispersos em vinte e oito (28) volumes, compartilham com ele a mesma designação. Conforme consta em suas primeiras edições, esses impressos objetivavam solucionar os dissabores a que estavam submetidos os ditos escritores de província, não apenas atuando como a “porta de saída da melhor produção intelectual da gente cearense” (CLÃ, 1946, p. 02), mas, sobretudo, como uma espécie de veículo possibilitador do intercâmbio de ideias entre as diferentes regiões do país (CLÃ, 1948, p. 77).

Essa perspectiva do mapa literário nacional parece corroborar as figuras de si produzidas por Eduardo Campos em suas Cartas de Afeição. Nesse sentido, o periódico supracitado pode ser compreendido como um elemento importante para a catalisação coletiva de concepções profissionais ligadas ao termo “intelectual de província”, uma vez que, conforme Alves e Rodrigues (2020), os escritores pertencentes às redes de afetos nas quais o autor estava inserido, estabeleceram os traços e delimitações de uma identidade relacionada ao conceito, encontrando no gesto de publicar as páginas de CLÃ uma forma prática para expressar a crença em suas restrições intelectuais.

Isto posto, saliente-se que, tanto as Revistas CLÃ, como as atividades do grupo a ela vinculado, são mencionadas nas cartas de Eduardo Campos como meios eficientes de divulgação da “literatura de província”. Remeta-se, por exemplo, ao escritor mineiro Amadeu de Queiroz cuja epístola, além de acusar a circulação do periódico, ainda expõe a admiração que o emissário nutria por esses escritores locais que “sonham, criam e realizam no mundo das letras e das artes” (Campos, 2004, p. 17). De forma semelhante, a carta enviada pelo jornalista, cronista e romancista carioca Marques Rebelo, dá notícia do recebimento de três edições e traz consigo a confissão de que o remetente se encontrava “entusiasmado com o esforço” dos colegas distantes (Campos, 2004, p. 143).

A partir dessa perspectiva, é possível inferir a existência de uma relação intrínseca entre a dinâmica coletiva do grupo vinculado à Revista e as versões de si elaboradas por Eduardo Campos, as quais, longe de constituírem unicamente atributo de desígnios individuais, emergem imbricadas em relações sociais que perpassam o vocabulário

produzido por outros atores históricos. Corroborar essa perspectiva não implica necessariamente, no endosso ou na rejeição da condição provinciana do escritor. Não se trata de vasculhar suas cartas em busca de elementos contraditórios ou enganosos, mas de discutir às ferramentas conceituais que os agentes tinham a mão (Palti, 2016), uma vez que é por meio delas que os sujeitos históricos acessam e significam suas tomadas de posição e os diferentes eventos vivenciados em suas trajetórias.

Cabe também assinalar que essas dinâmicas identitárias situadas por meio da ideia de “intelectual de província” se vinculam indiretamente a noções de cearensidade que se encontram embasadas em estereótipos e na repetição de clichês cujas marcas, caracterizariam tanto Eduardo Campos, como sua produção. Afetados por essas noções, escritores como Sérgio Milliet, relataram surpresa com a aparência física do escritor, uma vez que suas expectativas o levaram a imaginar um sujeito “baixo e talvez moreno” (Campos, 2004, p. 26), o que contrastava abertamente com os traços étnicos e a compleição robusta do autor, os quais levaram Mário de Andrade a descrevê-lo em carta, como uma espécie de “hércules severo” (Campos, 2004, p. 107).

À vista disso, ainda que pautadas em estigmas sociais e regionais, essas visões parecem reservar determinados espaços de atuação profissional a Eduardo Campos. Dessa forma, embora o rótulo de escritor local limite sua atuação, estabelecendo inclusive modelos pré-concebidos à recepção de seus textos, por outro lado, também produziu um lugar específico na rede de sociabilidades nacional para o autor e seus colegas, interligando-os a sujeitos como José Condé, redator do Correio da Manhã que se mostrou notável “estimulador de intelectuais provincianos” (Campos, 2004, p. 187).

## MARCOS, EVENTOS, CAUSOS E EPÍSTOLAS

A publicação da correspondência passiva de Eduardo Campos se articula com o conjunto de estratégias identitárias dos círculos intelectuais com que o escritor conviveu. Por esse ângulo, ainda que seja resultado de um trabalho de investigação de si, de significação e seleção da própria trajetória, de identificação com determinados papéis individuais e, enfim, de rememoração do eu, as Cartas de Afeição operam a partir de narrativas balizadas pelos mitos, pelas crenças e pelas referências temporais características às lógicas dos grupos culturais em que seu destinatário se inseriu. Nesse sentido, é interessante atentar às tramas forjadas por tais coletividades intelectuais, uma vez que o autor remete a elas em sua correspondência.

No geral, essas menções retomam marcos e episódios vivenciados de forma coletiva, tais como o 1º Congresso de Poesia do Ceará. Evento concretizado em agosto de 1942 por alguns escritores e artistas plásticos – dentre os quais, constava Eduardo Campos – e celebrado como uma espécie de mito das origens quatro décadas mais tarde, na edição de número vinte e oito da Revista CLÃ (1982 p. 07-28). Com efeito, é curioso que esse certame tenha sido elevado à tal posição, visto que sua concretização se deu em meio a um contexto conflituoso, fator que o transformou em objeto de repreensões nos meios letrados cearenses.

Conforme Francisco Linhares (2018, p. 48), a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial gerou um ambiente tenso em meio ao qual se debatia, através dos veículos de imprensa, o papel da região Nordeste no dito esforço de guerra e os possíveis impactos negativos advindos do conflito: racionamento de energia e alimentos, afundamento de navios etc. Ademais, o interior do estado do Ceará se encontrava assolado por uma estiagem rigorosa que servia como pretexto, ao regime estadonovista, para incentivar o envio de retirantes à Amazônia no intuito de empregar mão de obra na extração de látex e,



assim, atender às demandas militares das tropas em contenda. Tais circunstâncias, tanto embasaram as reprovações dirigidas ao supracitado certame, como a estruturação de um dito Congresso Sem Poesia, consumado como contrapartida ao certame.

Mencionado na correspondência de Eduardo Campos, o episódio em questão conserva seu status polêmico, não deixando de configurar objeto de reticências, pois, ainda que tenha angariado a simpatia de Manuel Bandeira, cabe salientar que um escritor de prestígio, como o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, afirmou abertamente que não compreendia “o sentido e o alcance do empreendimento”, visto que encarava a produção literária como resultado “da solidão, pelo seu carácter (sic) individualista” (Campos, 2004, p. 95 e 55). Trata-se de comentário que, embora pertinente do ponto de vista estético, apenas tangencia as inquietações políticas que motivaram as desavenças entre os intelectuais cearenses. Curiosamente, certa missiva enviada por Mário de Andrade segue esquema aparentado, adotando uma posição ambígua e enfocando temas que parecem apenas circundar a questão:

[...] Outro dia o Aluísio Medeiros me escreveu, e entre os assuntos, tocou também no tal Congresso de Poesia que vocês realizaram aí, dizendo que eu decerto não estava bem informado sobre o que houve. Respondi que de fato soube muita pouca coisa sobre, mas sabia que não fôra simples gratuidade de desocupados. É engraçado que eu fiquei numa posição um bocado esquerda a respeito desse Congresso, mas esqueci de contar ao Aluísio que já me referira ao Congresso. Deve ter chegado por aí também o livro de Otacílio Freitas Jr. “Ensaio do nosso tempo” [...] pro qual escrevi um prefácio. Ai me refiro ao Congresso de vocês, mostrando que não sou contra ele, pois pelo contrário o dou como intruso da angústia dos moços que estão engajados e não podem dizer toda a verdade. É uma enumeração de fatos: “Aqui é um grupo de audácia vertiginosa que escapole para um Congresso sem Poesia. Mas *bem próximo* um Congresso de Poesia //, *também* //, à procura de outras frinchas por onde faça escapar uns crivos de verdade. Livros insuficientes. Mas é preciso ler o trecho todo, prazer (sic) que mesmo os “livros insuficientes” não estão aí como censura, mas como prova de que vocês também estão engasgados pelas “dores da vida”. Eu quero apenas é que vocês não me imaginem trocando posição, seria absurdo! em // contradições ou brigas existentes por aí (Campos 2004, p. 109).

Na carta de Mário de Andrade toma-se nota de uma série de desentendimentos que, segundo o remetente, resultam dos obstáculos que a distância impõe sobre a comunicação. Todavia sobeja a sensação de que, pelo menos para o redator da missiva, sua posição (“um bocado esquerda”) a respeito da iniciativa, configura tema de menor importância. Com efeito, o autor de Macunaíma encara os contendores da “província” a partir de uma distância tão segura que torna, quase nulo, o apelo provocado pelos congressos remotos e suas querelas locais. Ao fim e ao cabo, as “contradições ou brigas existentes por aí” (Campos, 2004, p. 109) constituem questões ermas, abordadas com tamanha reserva que se torna possível fundir as partes em disputa, ambas constituídas por moços igualmente “engasgados com as dores da vida” (Campos, 2004, p. 109).

Dito isso, a despeito das críticas ou aplausos que tenha suscitado, a rememoração do 1º Congresso de Poesia do Ceará parece visar, menos a aclamação, do que o testemunho das repercussões alcançadas pelo certame. De fato, as posições adotadas pelos escritores ilustres frente ao episódio funcionam, antes, como evidências da dualidade existente entre o centro e as periferias. Trata-se de fatores que corroboram a construção da mencionada identidade intelectual provinciana, pois, ao mesmo tempo em que essas remissões demarcam o hiato comunicativo presente entre as regiões, também reafirmam as diferenças existentes entre o grupo de Manuelito e os autores de renome.

Paralelamente às assembleias, aos conclaves e às solenidades pomposas, é possível encontrar outros tipos de acontecimentos referidos nas Cartas de Afeição. Episódios cuja dinâmica foge ao protocolo, constituindo-se em meio à ocasionalidade que é característica à malha volátil do cotidiano. Emergindo através de relatos imprecisos, esses marcos contrastam com a especificidade dos compromissos oficiais.

Nesse campo das anedotas de patuscada, das gafes e dos causos incertos, o redator da epístola geralmente enviesa por contextos mirabolantes, assinalados por “detalhes que o identificam com a realidade e ao mesmo tempo com a irreabilidade” (Campos, 2004, p. 206). Constitui-se, então, um anedotário de mitos trivialmente vivenciados: os siris que Eduardo Campos degustou ao lado do folclorista Câmara Cascudo (Campos, 2004, p. 38); os planos madrugueiros que elaborava para esta vida tão árdua que podia “muito bem rimar com pau” (Campos, 2004, p. 206), junto ao poeta e amigo, Antônio Girão Barroso; as impropriedades amorosas travadas em conluio com o escritor Yaco Fernandes, a quem “isso de tomar a noiva alheia quase que [...] aconteceu uma vez” (Campos, 2004, p. 171), ou determinado passeio, realizado à bordo de um Chevrolet 50 cujas consequências, segundo o escritor Walter Wey, prometiam “virar o Uruguai pelo avêso” (Campos, 2004, p. 167). Essas estórias desconcertantes, fundadas sobre momentos de coexistência, muitas vezes dão lugar a cartas em que se assinala o desencontro, a ausência, a falta de convívio.

Nas missivas em que se toma nota dessas quase-ocasiões, se expressa o desconforto em função dos compromissos malogrados, as justificativas de quem a exemplo do escritor e político, José Américo de Almeida, não conseguiu fazer jus à agenda estabelecida, e a censura dispensada aos misantropos: “Diga ao Barroso que deixe de ser bandido e me responda” (Campos, 2004, p.149). Nesse sentido, as balizas temporais usadas para demarcar a biografia de Eduardo Campos, tanto dizem respeito aos momentos que reforçam a simultaneidade da existência, como àqueles que demarcam suas lacunas e interrupções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens de si delineadas nas Cartas de Afeição foram elaboradas em meio a uma série de interações cujo recorte temporal atravessa mais de quarenta anos. Longe de constituírem o resultado neutro ou natural dessa coexistência, essas autopercepções se encontram envolvidas em processos dinâmicos de inclusão e exclusão de significados. Nesse sentido, apresentam estratégias de atribuição de sentido, perpetradas, não apenas por Eduardo Campos, mas por diferentes atores sociais que articularam “características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados” (Candau, 2011, p. 27).

Nesse sentido, cabe assinalar o papel desempenhado pela linguagem política associada ao coletivo, tanto no tocante às formas de descrever o grupo e seus integrantes quanto no que diz respeito ao conjunto de opiniões recorrentes em torno de temas significativos que pautavam o espaço do dizível e do possível. Como se pode perceber através da memorialística de Eduardo Campos, por muito tempo os jargões enunciados pelo coletivo habitaram as narrativas em torno do movimento, sua presença excluía as dinâmicas e os vínculos históricos inerentes à prática artística desses escritores, promovendo a consagração de suas trajetórias através do esquecimento, da abstração, ou da idealização de seus laços familiares, políticos e sociais.

Conforme o crítico literário Raymond Williams (2011), esse comportamento constituiu característica recorrente entre as vanguardas modernistas do século passado,

fator que assinala a importância de se mapear os espaços de sociabilidade em meio aos quais se forjaram os laços que uniam esses intelectuais, bem como, de se questionar os conceitos propagados pelo movimento.

Haja vista que a publicação de *Cartas de Afeição* enseja rememorar um “tempo já passado, no qual os escritores de nomeada perseveraram no relacionamento epistolar” (Campos 2004, p. 6), pode-se afirmar que sua temática principal é constituída pela experiência intelectual, sobretudo literária. Assim, conquanto se encontram remissões a determinados acontecimentos políticos, as referências abertamente ideológicas raramente marcam presença. Do mesmo modo, os laços de parentesco pouco intervêm na malha narrativa composta pelas missivas. Esse padrão evasivo não deixa de configurar objeto de inquietação, visto que, em outros registros (Oliveira, 2009, p. 268), o autor se detém de forma acurada sobre as relações de seus familiares com a Ação Integralista Brasileira.

A opacidade em torno desses tópicos parece indicar certa dificuldade para articular as esferas políticas e familiares a uma visão de si pautada em critérios intelectuais. Essas incongruências certamente podem estar relacionadas a tensões específicas da trajetória de Eduardo Campos uma vez que alguns desses assuntos configuram pontos sensíveis, contudo, também assinalam concepções de teor geral, as quais encaram o fazer intelectual de maneira desvinculada das relações políticas.

Por fim, cabem alguns apontamentos em torno da díade metrópole-província. Parte significativa da literatura a respeito do modernismo brasileiro tem realizado um confronto à memória e às visões de mundo elaboradas pelas elites modernistas, questão explorada por estudos recentes (Hardman, 2022) que, assim como este, partem de perspectivas que descentralizam a dita vanguarda paulista (Saliba, 2022), ao tomar distância de noções como “influência” ou “cópia” (Costa; Palti, 2021) e adotar uma visão em rede que propõe atenção à singularidade das respostas locais e à reciprocidade dos pontos de vista, promovendo uma remodelação do mapa literário nacional (Pasini, 2022).

Diante desse quadro, se optou por não rejeitar a validade dos registros que empregam a expressão intelectual de província, nem a aptidão dos agentes históricos para mensurar as debilidades editoriais de sua região. Pareceu mais profícuo agregar ao conceito novas camadas de significância histórica capazes de assinalar as aplicações concretas do termo, tais como os vínculos afetivos que estabeleceu, seu uso enquanto base para a identidade de grupos culturais e o modo como articulou estratégias para lidar com o legado cultural do autor.

## REFERÊNCIAS

- AFIRMAÇÃO. **Anais do I Congresso Cearense de Escritores**. Fortaleza: Edições CLÃ, 1947.
- ALVES, P. D. S.; RODRIGUES, B. O Clã e A Província: o papel dos periódicos literários e culturais na formação da identidade coletiva de um grupo de escritores cearenses (1930-1950). **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 357–373, 2020.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CAMPOS, Eduardo de. **Cartas de afeição: correspondência passiva**. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.
- FARIA, Daniel. **O mito modernista**. Uberlândia: Editora da UFU, 2006.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CLÃ - **Revista de cultura** (Fortaleza, 1946-1988). Edição fac-similar. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.
- COSTA, Adriane V.; PALTÍ, Elías J. (org.). **História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.
- DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**. São Paulo: EdUSP, 2016.



- GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da C. **Dicionário da literatura cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.
- GOMES, Angela M. de C. (org.) **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HARDMAN, Francisco F. **A ideologia paulista e os eternos modernistas**. São Paulo: EdUnesp, 2022.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: EdUSP. 2016.
- LINHARES, Francisco D. B. **Escritores, congressos e meio intelectual em Fortaleza (1942-1946)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- MICELI, Sergio; MYERS, Jorge (orgs.) **Retratos latino-americanos: A recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX**. São Paulo: Sesc, 2019.
- OLIVEIRA, J. de M.; SILVA, E. H. As memórias de Eduardo Campos e sua atuação na rádio cearense. In: KLOCKNER, Luciano; PRATA, Nair. (orgs.) **História da mídia sonora: experiências memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2009. p. 265-281.
- PALTI, Elías J. Temporalidade e refutabilidade dos conceitos políticos. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, v. 1, n. 35, 2016.
- PASINI, Leandro. **Prismas modernistas**. São Paulo: Editora da UNIFESP, 2022.
- POCOCK, John G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EdUSP, 2003.
- SALIBA, Elias T. (org.). **Modernismo, o lado oposto e os outros lados**. São Paulo: Sesc, 2022.
- SIRINELLI, Jean-F. As Elites Culturais. In RIOUX, Jean-P.; SIRINELLI, Jean-F. (orgs.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. **Política do Modernismo: contra os novos conformistas**. São Paulo: EdUNESP, 2011.

## NOTAS DE AUTOR

### AUTORIA

**Plauto Daniel Santos Alves**. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor da Rede Estadual de Ensino do Ceará, SEDUC-CE. Fortaleza, CE, Brasil.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Plauto Daniel Santos Alves  
Rua Leiria de Andrade, 741, apartamento 306  
60325592 São Gerardo, Fortaleza, Ceará  
Brasil

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** Plauto Daniel Santos Alves

**Coleta de dados:** Plauto Daniel Santos Alves

**Análise de dados:** Plauto Daniel Santos Alves

**Discussão dos resultados:** Plauto Daniel Santos Alves

**Revisão e aprovação:** Plauto Daniel Santos Alves

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.



## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

## **DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS**

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

## **PREPRINT**

O artigo não é um preprint.

## **LICENÇA DE USO**

© Plauto Daniel Santos Alves. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITOR**

Jo Klanovicz.

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 18 de novembro de 2023.

Aprovado em: 2 de fevereiro de 2024.

Como citar: ALVES, Plauto D. S. Cartas da província: memorialística e convenções intelectuais na correspondência de Eduardo Campos. *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 56, p. 56-68, 2024.

